

BIÃO, BIÃO, BIÃO...

Gilberto Icle¹

Nada pode ser mais impossível do que falar, sintetizar, reduzir a complexidade de Armino Bião a algumas palavras. As palavras, aliás, sempre foram seu alimento, seu objeto de estudo, seu caminho e, também, o suporte de seu bom humor.

Talvez, de todas as características de Bião, a que mais me tocou (e ainda toca) seja a sua capacidade (generosidade) de nos colocar em contato. Bião sabia como ninguém fazer encontrar, juntar, aderir, circunscrever um ao outro, relacionar os estranhos e encontrar neles possibilidades de aproximação. Bião integrava e conjuminava as pessoas, os grupos, as pesquisas.

A sua amada Etnocologia, disciplina que ele ajudou a fundar com os colegas franceses, é de alguma forma a cara, o jeito e o modo de pensar de Bião: uma encruzilhada de possibilidades, um modo de estar junto, uma maneira de entender e recriar o Outro.

Entre a palavra (lugar sempre de desconfiança e algo a suspender) e a ação, Bião formou muita gente, escreveu muita coisa, produziu e criou na melhor forma do termo: periódico, associação, espetáculo, teoria, grupo, rede, programa, formação. Mas para além disso, sua figura é tão presente para os Estudos Teatrais no Brasil que não é ele que nos deixa, somos nós que desaparecemos um pouquinho. Apesar de agora ele ser um viajante do tempo, sua obra é forte e perene, sua marca é decisiva e inesquecível, sua presença é segura e encravada na nossa história.

¹ Gilberto Icle é doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na qual é professor no Programa de Pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado) e coordena o GETEPE-Grupo de Estudos em Educação, Teatro e Performance. Atualmente é coordenador do GT Etnocologia da ABRACE. É editor-chefe da Revista Brasileira de Estudos da Presença e bolsista de produtividade do CNPq.